

TRIBUNA Livre

7
DEZEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LAGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Uma nova escola na Feira Nova

É URGENTE

Há cerca de dois anos a nossa Câmara consciente do péssimo estado de alojamento de uma parte das escolas do núcleo da Feira Nova, enviou todos os seus esforços junto da Repartição das construções Escolares, no sentido de ser dadas instalações dignas e higiénicas às crianças desta parte da vila, pois o que então se verificava era miserável, sem conforto, luz e sol, e com umas instalações sanitárias duma promiscuidade com adultos de todos os sexos e uma imundície confrangedora.

Como solução definitiva a Câmara propôs que o edifício do tipo Centenários, de duas salas, fosse ampliada para 6 salas, pois tantas eram as necessárias.

Não obstante este pedido e a insistência com que foi tratado, aquela Repartição foi de parecer que o edifício deveria ser ampliado para 4 salas e que fosse construído novo edifício noutra local para duas

salas, para substituir o edifício particular em serviço de precárias condições.

Embora isso trouxesse outros problemas como o de conseguir terreno a Câmara teve de aceitar o que lhe davam, convencida que com mais duas salas a coisa melhoraria.

Não foi, porém, assim, pois não obstante se terem construído mais duas salas, o velho edifício, continuou e continua a servir, não obstante as queixas e as reclamações, dos professores, dos pais das crianças, pobres vítimas indefesas.

A Câmara tentou de tudo oficialmente e nada conseguiu para minorar esta tremenda situação.

Tem que construir-se essa nova escola com a maior urgência afim de sairmos desta situação que nos envergonha.

Apela-se para a Ex.ª Câmara no sentido de conseguir o respectivo terreno e pedir a

(Continua na 5.ª página)

Intervenção cirúrgica

Na Casa de Saúde denominada Clínica Nossa Senhora das Dores na Vila de Alvaizere foi operado ao estômago no dia 15 de Outubro findo pelo Exm.º Senhor Doutor António Manuel Vaz de Moraes o Sr. Albino Gonçalves, casado de 52 anos de idade, natural e residente em Fiscal do nosso concelho.

Graças ao êxito da competente intervenção cirúrgica o doente encontra-se em franca convalescença.

PADRE JOÃO MARTINS

Só uma triste notícia há pouco vinda nestas colunas, poderia despertar-me do silêncio a que obrigam os muitos afazeres, e trazer aqui algumas palavras de saudade e mágoa por um alto valor desta nossa terra desaparecido, na ceifa da morte, que não destingue nem perdoa.

Para a figura do Saudoso Abade de Caldelas vai muitas vezes de longe o meu pensamento e uma terna recordação de simpatia.

Aos olhos dos que sabiam

apreciar com clarividência e justeza de conceitos as virtudes e merecimentos que irradiavam da sua pessoa, uma auréola de simpatia envolvia o Homem e o Sacerdote que, envolto na sotaina clerical, deixava o presbitério e caminhava, rodeado e reverenciado de amigos e admiradores, pela ampla avenida das termas que tanto amou e acarinhou muitos dos seus habituais frequentadores, a quem ainda não chegou a infausta notícia da sua morte, muito há-de, quando um dia aqui voltarem lastimar a sua ausência insubstituível.

Era um espírito jovem e jovial num corpo alquebrado, quer pelos anos quer pelas dotas.

Foi a força desse espírito juvenil que um dia, não há muito, passando eu por sua residência a caminho de Paranhos, com intuitos de investigação local, logo se desfez da batina, aligeirando-se, e armado de varapau, como se fosse o báculo dos primitivos pastores espirituais, mostrou-se inabalavelmente decidido a trepar as ladeiras íngremes por onde se sobe quase a prumo, cá do fundo

(Continua na 5.ª página)

Nova Câmara de Amores

Foi eleita no passado dia 2, a Vereação Municipal que vai servir no quadriénio de 1964-1967, e que é composta pelos Senhores José Asdrúbal de Oliveira, e António Alves da Mota, de Caldelas, José Soares Mendes, de Lago e Alberto António da Silva da Feira Nova.

É sempre um facto transcendente a escolha da Câmara que há-de durante 4 anos, administrar e gerir a instituição máxima do nosso concelho, e que está directamente ligada ao progresso das terras, aos mais salubres anseios e necessidades duma vida melhor, de que os caminhos, as ruas, a electricidade, a água, esgotos, pavimentos, higiene, asseio e embelezamento, constituem hoje factores primários dos tempos que passam e que o Governo por todos os meios, procura dar às populações dos concelhos rurais.

Porque assim é, aqui o vimos assinalar, desejando à nova Câmara os maiores êxitos para que o Concelho continue a receber, quer do Estado quer da iniciativa da Câmara, ou da iniciativa particular estimulada, os benefícios de que tanto carece um concelho que tanto esperou, e que já se habituou a ver realizar.

Quem Lucrou com o Crime

O Ministério cubano dos Negócios Estrangeiros apressou-se a confirmar o que noticiara em primeira mão o «Excelsior» do México — ou seja: que Lee Oswald estivera naquela cidade em fins de Setembro e que solicitara ali do respectivo consulado um visto de entrada em Cuba, visto que lhe teria sido recusado. Mas porquê?

Lee Oswald presidia a uma comissão norte-americana de apoio ao fidelismo. Em 21 de Agosto último, no programa «Carta Branca» da cadeia norte-americana de emissoras WDSU, fizera caloroso elogio do regime cubano e declarara-se marxista, embora não comunista. Nesse mesmo mês fora preso e condenado a pagar uma multa de 10 dólares por ter agredido um refugiado cubano anticomunista. A um tal amigo não se nega, pois, a mi-

séria de um visto, desde que não exista, para tanto, qualquer razão de peso.

Temos assim que admitir duas hipóteses:

1) — ou Lee Oswald obteve o visto que pretendia (ao contrário do que se afirma agora) e esteve, de facto, em Cuba, tanto mais que as autoridades norte-americanas conhecem a data em que ele saiu dos Estados Unidos para o México, mas parece que ignoram a data exacta em que regressou dessa miste-

(Continua na 5.ª página)

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos, até à quarta-feira.

A Redacção

O CASO BERGAMIN

«Chegou a Montevideu o poeta espanhol José Bergamin, católico, que se refugiara na embaixada do Uruguai em Madrid. Era aguardado, no aeroporto de Montevideu, por algumas centenas de pessoas, que acolheram com uma grande salva de palmas o famoso poeta católico.»

Esta era a notícia. Aqui temos, pois, o Governo espanhol a perseguir um poeta — e, para mais, católico...

Outra, porém, é a verdade — e vale a pena recordá-la.

Em princípios de Setembro cento e duas individualidades dirigiram ao ministro espanhol da Informação, o prof. Fraga Iribarne, uma carta em que protestavam contra os tormentos a que por um determinado oficial da Guarda Civil teriam sido submetidos alguns mineiros das Astúrias e umas quantas mulheres da mesma região.

Abria a lista dos signatários o nome de José Bergamin e entre estes figuravam, a-par de

muito desconhecido, Pedro Lain Entralgo, antigo reitor da Universidade de Madrid, dramaturgos como Buero-Vallero e Alfonso Sastre, actores de nome como Fernán-Gómez e Francisco Rabal.

Respondeu o ministro, em carta que dirigiu a José Bergamin e em que, uma a uma, demonstrava serem falsíssimas todas as acusações lançadas

(Continua na 5.ª página)

O Homem não é um Macaco

O facto de cada um de nós ter deveres a cumprir, estar aborrecido, doente, indignado ou a arder em febre de qualquer natureza, não justifica de modo nenhum que possa ser grosseiro e rude com os outros.

Se tivermos de chegar a horas ao nosso emprego, a uma reunião ou a qualquer entrevista, isso não é razão

bastante para que caminhemos aos encontros na rua, no carro eléctrico ou na escola. Os caminhos públicos não são só nossos, embora a eles tenhamos a nossa quota parte de direito.

Numa sociedade civilizada, o cidadão tem o dever de evitar atropelos desta natu-

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA FEMININA

acreditar no

Pai Natal

Não, este ano, dizem-nos certas pessoas no início de Dezembro, não este ano eu não festejarei o Natal. Para quê? E encontram centos de razões... Os filhos estão longe ou são já muito crescidos, a vida está muito cara não dispõem de tempo para fazer compras, vale mais guardar o dinheiro para o tempo de férias para fazer uma viagem, etc.,

Mas em chegando realmente a quadra do Natal, quantos cumprem aquilo que afirmaram? A maior parte daqueles que afirmavam irem ignorar o dia 24 em geral mudam de opinião no dia 23... E então como falta realmente o tempo para preparativos, tudo se improvisa! Se não têm um pinheiro, têm ao menos um galho; em vez do bolo, os biscoitos; em vez do presente, uma lembrança serve; e os pais e amigos estão longe, temos os vizinhos... Não, não pense em escapar... Como sucede nos Estados Unidos, apossa-se de nós uma autêntica febre, uma epidemia composta de embrulhos de presentes, de velas e flocos sintéticos de neve, que se espalham por toda a parte e nos fazem tornar a ser crianças! Não penseis que esquecendo o Natal não exista o Natal. Os grandes psicólogos — não aqueles que se ocupam dos vossos nervos em particular — mas estes que estudam as almas, desde que o mundo é mundo, dizem que cada homem cado povo tem dentro de si, crenças e mitos que inspiram as suas festas os seus divertimentos, os seus gestos... e mesmo que se esteja completamente só no mundo, digamos, na escuridão da noite, ou no cimo duma alta montanha, haverá um momento no dia 24 à meia noite, em que erguendo os olhos para o céu, e vendo uma luz, perguntará a si mesmo se ela brilha na mais alta das casas, ou é a mais próxima das estrelas. Se é uma casa, tereis vontade de saber quem a habita, de bater e dizer: «Sou um desconhecido, mas é Natal... e estava com curiosidade de saber quem moraria aqui tão alto, nesta solidão. Por isso vim, posso entrar?» — Se é uma estrela, tereis vontade de subir ainda um pouco mais, para apreciar de mais perto esta luz que — a ciência di-lo, mas pode realmente acreditar? — está a caminho há séculos para ter o prazer de vos aparecer. Descendo depois da montanha, direis à primeira pessoa que

encontrardes; não tive uma árvore de Natal, mas um astro de Natal — Sirius, vale mais do que um pinheiro. Decididamente não conseguirá estar só nem suportará que mesmo um desconhecido — permaneça abandonada nessa noite.

E ouse dizer que não dará presentes este ano, invocando o pretexto, de não saber se agradará a sua oferta ou que ninguém apreciará o seu gesto. Terá em sua casa, algum objecto que lhe ofereceram e não se recorda de quem lho deu?

E mesmo os cartões de boas festas, escritos por mãos amigas, vindos por vezes de tão longe, ousará dizer que não lhe causaram prazer algum?

Crer... não crer... Vou contar-vos uma pequena história verídica. Uma criança que conheço, ouviu dizer aos pais que o Pai Natal não existia. Convenceu-se que era verdade, pois se os pais lho haviam afirmado! Porém um dia quando já frequentava o Jardim da Infância, a professora que gostava tanto das fábulas como as crianças, falou acerca do Pai Natal com termos elogiosos. A criança acreditou-a, e nesse dia ao regressar a casa, julgou-se no dever de dizer aos pais: Sabem, julgava que o Pai Natal não existia, mas afinal, parece que existe!

Culinária

Bacalhau escondido

Empregar bacalhau bem demolido, enxugá-lo bem até ficar seco. Desfazer um pouco de farinha em leite e água morna, em partes iguais; acrescentar manteiga, sumo de limão pimenta moída e bater tudo até ficar bem ligado. Bater um ovo e juntar a isto tudo. Numa frigideira, deitar bastante azeite e levá-lo ao lume a ferver. Deitar no azeite todo o creme batido, metendo no meio do creme o bacalhau, enrolando-o com uma espátula, no creme, formando assim um pastelão.

Estando louro dum lado, virar para alourar do outro.

Servir com azeitonas e rabanetes crus.

SOBREMESA—Bananas



Alguns modelos de lingerie

Feijão verde com toucinho

Cortam-se 125 gramas de toucinho entremeado, que se refoga com cebolas picadinhas e quando louro, deita-se uma colher de farinha, deixando alourar mais, deitando então três dicilitros de água. Deitam-se depois os feijões verdes, deixando-se cozer e apurar e servem-se. — **SOBREMESA**—Maças

TRIBUNA do CONCELHO

CAIRES

Casamentos

Há dias realizaram-se, na Igreja Paroquial de Caires, os seguintes:

1. José Maria da Silva, filho de Silvério da Silva e de Judite da Silva do lugar do Roupeiro, com Maria da Glória Rodrigues da Silva, do lugar do Requeixo, onde a mãe, a Senhora Teresa, ofereceu aos 60 convidados um lauto jantar de confraternização, havendo amistosos brindes de felicidades.

2. Na passada 4.ª feira foi o enlace matrimonial do sr. António da Silva, hábil carpinteiro do lugar da Cal, com a menina Lucinda de Jesus da Costa Brandão do lugar das Pousadas, num ambiente de rara simplicidade.

3. Na passada 5.ª feira foi o de Hermínio José da Silva Ramôa, pedreiro, da vila de Amares, com a menina Graçinda de Jesus Ferreira Fernandes do lugar da Cruz.

4. No dia 8.º dia da Senhora da Conceição, realizou-se em Lisboa, na Igreja de Santa Catarina, o auspicioso enlace do Senhor Armando José Dilão da Encarnação, distinto funcionário da Alfândega Lisboense, com a gentil e prezada menina Deolinda Maria Vieira de Araújo, filha dedicada do nosso bom e particular ami-

go Joaquim Augusto de Araújo e sua Ex.ma Esposa, filhos de Caires, em que vai ser oficiante o Rv. Pároco desta freguesia P.e Calisto Vieira. Porque se trata de duas famílias distintas e cheias de virtudes cristãs, daqui desde já, lhes auguramos um futuro risonho próspero e feliz e que Nossa Senhora os abençoe

De Angola

Chegou, estes dias vindo de Angola o soldado Domingos Carvalhosa, que para os seus pais e para todos nós foi uma grandiosa festa que arrancou lágrimas de Alegria.

De França

Veio o jovem Julio Arantes da Silva, para junto de sua mãe Teresa do Requeixo, cheio de paz saúde e alegria.

De Visita

Deu-nos o prazer da sua estimada visita o Senhor Manuel Justino Rodrigues de Tadm, e o senhor Amândio António da Silva que veio visitar sua Custódinha que tem estado bastante doente e a quem desejamos boas melhoras.

C.

Instituição de beneficência

Sopa dos pobres de
FERREIROS — AMARES

EDITAL

António Geraldino dos Santos Menezes, 1.º. Secretário servindo de Presidente da Assembleia Geral da Sopa dos Pobres de Ferreiros Amares:

FAÇO SABER QUE de harmonia com o disposto no art. 12.º, § 1.º dos Estatutos da Instituição, convoco todos os associados desta Instituição, para se reunirem em Assembleia Geral, no dia 29 de Dezembro pelas 20 horas na sede desta Instituição, com a seguinte ordem do dia:

"ELEÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O TRIÊNIO DE 1964 a 1966".

Não comparecendo número suficiente de associados funcionará a mesma Assembleia uma hora depois com qualquer número.

Para constar se publica o presente edital que foi afixado nos lugares publicos do costume.

Amares, 2 de Dezem. de 1963.

António Geraldino dos Santos Menezes

Casamento elegante

No passado domingo, dia 1, teve lugar o casamento do prezado amigo, assinante e colaborador, António Batista Macedo Fernandes, digno funcionário da Nossa Misericórdia e Presidente da Junta de Freguesia desta Vila, com a menina Maria Helena da Costa Gomes Pereira, distinta professora oficial de Braga.

A cerimónia teve lugar no Santuário do Sameiro, sendo celebrante o Sr. Padre Albino Fernandes Alves, pároco do noivo. Foram padrinhos o Senhor Doutor Eduardo Gonçalves e Ex.ma Esposa.

Depois da cerimónia os noivos e convidados dirigiram-se para a Falperra onde foi oferecido um importante copo d'água servido pela Benamor.

Aos Brindes falaram os srs. Dr. Eduardo Gonçalves e P.e Albino Fernandes Alves que felicitaram os noivos e família tendo os noivos seguido em viagem de núpcias.

«Tribuna Livre» associa-se ao solene acto, desejando aos noivos as maiores felicidades e prosperidades.

Quem se tenha debruçado sobre os fastos mais salientes da nossa história, encontrará ligado a Coimbra e ao reinado de D. Afonso um episódio em que o amoroso e o trágico se enlaçam loucamente. Um Pedro e uma Inês, ambos fidalgos e nobres, entrelaçados e unidos serenamente por sentimentos de amor total, dão-se mútua e totalmente e sem desfalecimento, até à irrevogável separação, que um assassinato impõe nos corpos, sem o conseguir nas almas.

Não sessam ali os Pedros e as Inês, nem os romances de amor que unem fidalgos e plebeus, corações eternamente doados, ou momentaneamente ligados. Quis o acaso, essa circunstância que é mãe e madrastra de tantas coisas, que por nossos ouvidos sequiosos de ternura e carinho, revoace em descrição palpitante um romance vivido por outro Pedro e por outra Inês, mais jovens, menos nobres na linhagem sem o deixarem de ser na alma. Como todas as coisas na vida este romance devia ser diferente do da história.

Também aqui, um Pedro sequioso, dominado e dominante, obsorvido no coração, na alma e nos seus instintos dado ao sentimento que entregou a um idílio ímpar, tentando para si a conquista eterna, nem sequer como o outro Pedro, opondo à consumação do enlace qualquer convencionalismo, pois, em verdade, à posse da sua diva de bom grado daria a sua liberdade eterna garantida pelos ditames de Deus ou das leis humanas.

Também aqui, de princípio,

CARTA DE LAGO

No primeiro de Dezembro realizaram-se três baptizados.

1.º Baptizou-se Maria de Jesus Pinto Magalhães, filha dos Senhores Alfredo Magalhães e Adelaide Pinto, do lugar de Santa Marta. Foram padrinhos Lourenço de Magalhães e Joaquina Dias respectivamente avô e tia paternos, todos de Lago, Amares.

2.º Em seguida baptizou-se António Veloso de Oliveira, filho dos Senhores Manuel de Oliveira e Teresa Veloso. Foram padrinhos António Soares Fernandes e Beatriz Manuela Vieira Pires, todos de Lago, Amares.

3.º Finalmente baptizou-se José João Nogueira Braga, filho dos Senhores António Braga e Angelina Nogueira. Foram padrinhos José Pires da Costa e Albertina Pires da Costa, todos de Lago, Amares.

uma Inês sonhadora e vaporosa de boas intenções, dando-se, crendo e querendo, plena de sentimentos maviosos.

Porém, como na seara em que o joio toma o passo ao melhor trigo, haviam os sentimentos de deteriorar-se nesta Inês, as promessas invertiram-se e aquele coração cándido, de vergel beleza, transformara-se na imagem insólita, indiferente e estranha, mostrando em cada gesto um excêntrismo, em cada palavra uma vaidade ôca, em cada atitude um vazio arrepiante.

Quando por vezes se revive mentalmente aquela Inês de outrora, quando se invoca aquele amor quase impossível, fica-se prelexo perante os sentimentos de nobreza de uma mulher, que de bom grado fez os impossíveis até em seu prejuízo, para que aquele amor composto de absoluta comunhão de sentimentos florisse e desse frutos tão sãos, tão maravilhosos.

Quis o destino, que esse belo romance tivesse um epílogo demasiado cruel não só para um, mas sim para aqueles dois seres que se amavam verdadeiramente e que só pela imposição louca dos homens viram ruir a própria razão das suas existências.

Infelizmente, aquele Pedro não pôde continuar unido neste mundo à sua Inês. Não, não pôde, mas a culpa não foi sua, tiraram-lhe a razão do seu viver, roubaram-lhe para sempre aquilo que ele mais adorava, queimaram-lhe a raiz e aquele árvore, depois vacilante, lá foi tropeçando aqui e acolá, nas malhas tão cruéis que a sorte lhe teceu.

Os tempos voaram, e como já referimos, os Pedros e as Inês sucederam-se. Surgiu mais um idílio que infelizmente embora composto por duas almas iguais na ortografia, tão diferentes eram na maneira de pensar. Permanentemente não existiu naquela o anseio de conseguir algo de belo e frutuoso, acabando por se perder no burburinho da vida tortuosa, na bisbilhotice do rumor público, no murmúrio intrigante da sociedade ávida de escândalo. E se, como no romance e lenda da história deviam marcar assinalada presença os progenitores dos utentes, também aqui surgiria o contraste, assás patológico, por serem os dela, não os dele, os coveiros da causa.

Indiferente à sua própria condição de momento, indiferente à sua própria condição anatómica, esquecendo a circunstância humana de situação irreparável, alheia a tudo que no senso comum se impõe, cortou o coração a quem o não merecia e suspendeu-lhe a li-

berdade.

É incrível, é um caso único, o abandono da última oportunidade de salvar uma honra que representa para qualquer que a possui, o mais belo dos tesouros.

Mas não, a essa qualquer não lhe interessava a comunhão de sentimentos, interessava-lhe sim, outro género de comunhão. É de lamentar que um ser humano pegue na honra, a arraste pelo chão sujo e a apregoe à espera da melhor oferta, que serve, mesmo que seja vazia de amor sincero, desde que seja materialmente valiosa.

O tempo foi passando e esta Inês, sem qualquer género de sentimentos nobres, havia de traír as promessas que tantas vezes jurou ao seu bem amado, cujo único objectivo seria possuir e eternamente chamar sua àquela que sua foi de vez em quando.

Capricha, Deus, por vezes, em criar os antagonismos em que o género humano é tão fértil: a este Pedro igualmente dedicado coube uma Inês terrivelmente ingrata e nua de sentimentos. Nunca, porém, o tempo condenou os constantes nos seus designios e os dedicados aos seus mais caros anseios.

Esta, fria, enigmática e impiedosa, há-de agarrar também ao plourinho dos seus desvarios aqueles que, por direito de ascendência, foram parte e causa em que renunciasses aos seus legítimos sentimentos, às suas válidas promessas e ao único caminho de salvaguarda duma honra que por estar ferida só assim se curaria.

É assim a humanidade, composta pelos factos mais dispare, cada um com assento próprio no tempo em que se escreve. Os dois Pedros mostram vínculos do mesmo rigor para com os seus sentimentos colocados em épocas diferentes, já as Inês são bem filhas de duas épocas, e do nosso tempo a dizer-nos bem que agrediu dos vícios e levandades da juventude contemporânea.

Há uma coisa que não difere, que é o Juízo do tempo. Esse, hoje como ontem, há-de tecer um hino a quem é constante, mesmo que para isso haja que sofrer na sua própria liberdade, como há-de comparar a um trapo quem por si ou seus se haja desviado do campo da honra.

P. N. d' Azevedo e Silva

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Terras do Bouro no espírito de Manuel A. Barreto Marques

Os meios de comunicações:

Nós somos ainda daqueles velhos tempos em que as comunicações se efectuavam por meio das diligências esses carros puxados por 3, 4 ou 5 cavalos, cansados, gastos, embirrentos. E, por que a viagem de Terras do Bouro a Braga e vice-versa, efectuada por este meio de comunicação, levava quase tanto tempo a pé como de carro, a maior parte das pessoas, quando se sentiam com necessidade de ir à cidade, viajavam a pé. A diligência (ou carro de carreira), passava a transportar então pouco mais do que os velhos, os doentes e as malas do correio. Os Povos viveram assim durante largos anos, até que deflagrou a primeira grande guerra de 14 a 18, que veio revolucionar a vida Humana e todos os seus mais rotineiros costumes.

Nesta nova fase de vida entraram a funcionar os meios de comunicações:— para os maiores centros comerciais e civilizados, as comunicações começaram a realizar-se aéreamente e com velocidades vertiginosas; para os meios mais pobres, os transportes passaram a fazer-se por meio de veículos motorizados (terrestres), e as diligências foram totalmente substituídas por postas de parte.

Espalharam os telefones, que inumeráveis serviços vêm prestando aos Povos, principalmente aqueles onde já chegaram.

E hoje, felizmente, de qualquer parte se pode comunicar com o mundo exterior, com relativa rapidez e facilidade, efeitos evidentes das evoluções do século em que vivemos, e que, hoje como nunca, atira para cima dos ombros das pessoas de comando—especialmente para essas—com responsabilidades e obrigações tremendas. E, em face desta espectacular e trágica evolução dos tempos modernos, aí daquele que se coloca em qualquer lugar de relevo, preocupando-se demasiadamente com a evolução do mundo contemporâneo, parando estático e inerte a analisar todos os seus fenómenos... como que com os ares de pretensas tendências de dar lições ao mundo e sua Humanidade... ou então tentar impor a sua rotineira forma de pensar e de expôr.

Temos que acreditar (quer queiramos ou não) que, um dia se parou, meditando no que não volta mais, representará um século que se afastou do progresso e se desactualizou. E a verdade é que o progresso actualizado tem que ser a síntese principal de quem manda, serve e governa devotamente uma Região.

Esse deve ser também sempre a almejada solução a aplicar em todos e para todos os problemas. E a verdade é que, (muito claramente se tem visto e notado), as dominantes forças do comando nem sempre, ou quase nunca, convergem para esse fim; e então começam por gerar quase sempre desleixos, apatias, aborrecimentos, que facilmente se podiam extirpar e substituir por palpáveis obras e acções simpáticas, cativantes e de extraordinário mérito social.

O nosso Povo rural é extremamente bom e dócil; precisa no entanto, de reconhecer, que alguma coisa se faz em seu benefício, em seu proveito. E hoje, mais que nunca, esses benefícios e proveitos têm que ser realidades visíveis e palpáveis.

Para receber e guardar os dinheiros e pagar as dívidas, não é necessário empregar grandes capacidades... Para isso tem o Estado os tesoureiros e os seguros cofres públicos. Importam os empreendimentos e as realizações, e... do pouco fazer muito... e dar grande rendimento aos medíocres bens. Sem reais empreendimentos e realizações, hoje em dia ninguém poderá singrar na vida e muito menos, poderá captar a simpatia social. E essa é a principal razão por que nós algumas vezes temos apontado faltas, que aliás podiam ser remediadas sem custo, sem gasto de esforços, sem grandes dispêndios e que, afinal, são sempre notas destacantes no meio do harmonioso conjunto social.

E, porque assim é, todo o meu objectivo em vista tem sido e será sempre, como que um despretencioso farol a chamar a si a atenção das forças do comando, para a mais viável e sólida solução de tantos e tão vastos problemas, e nunca pelo meu espírito me passou o mínimo de intenções melindrosas e ofensivas, para com quem quer que se a. No entanto, com a devida franqueza, sou obrigado a declarar que, tanto a intrujice como a cobardice, são fraquezas que nunca conseguiram habitar ou permanecer em meu espírito ainda que fosse ao de leve. E, em face desta verdade e escravo da franqueza, eu nunca andei nem andarei pelos esconderijos ou por detrás das paredes a expôr assuntos ou a apontar emendas necessárias; —é em público, com a cabeça levantada e sempre com o devido respeito que expinho porque amo devotamente a minha Terra, inteiramente convencido de que tenho laborado sempre dentro da verdade, do direito, da justiça e do interesse comum da nossa Região.

Reconheço, com o devido respeito, que dentro dos limites dum concelho há uma única pessoa que manda e a quem todos os munícipes têm o dever de obedecer:—é o Presidente da Câmara Municipal. Mas também reconheço que é em face desta verdade e dominado por essa confiança que nós devemos expôr, lembrar e apontar, tudo o que mereça reparo, solução e até castigo ou prémio, da parte de quem manda e governa. Os Homens devem compreender-se pelas falas... e os amigos sinceros põem de parte tudo o que possa ser intrujice para nos falarem com clara franqueza...

Guiados por estes princípios verificamos que é extensíssimo o campo de acção que urge desenvolver dentro do nosso Concelho. Mas, por agora e como tínhamos dado princípio a este artigo, tão modesto como despretencioso, vamos sómente o caso (e em si de bastante gravidade) das comunicações, às quais se devem aglomerar as correspondências postais.

Como ia dizendo, nos ancestrais tempos das diligências as correspondências postais saíam, diáriamente, da Sede do Concelho de Terras do Bouro (e é aí que eu trago presa toda a minha atenção) para Braga, da parte de manhã cedo, e chegavam à Sede do Concelho, via Braga, à noite. Evidentemente, que durante o percurso — Terras do Bouro, Braga — a dita diligência recebia as sacas do correio, para Braga, e entregava-as no regresso, para Terras do Bouro, nos respectivos lugares do costume: — Vau, Souto, Sequeiros, etc., etc.

Muito bem e, apesar da morosidade daqueles meios de transporte, e em alguns casos de urgência, algumas vezes aconteceu que, no mesmo dia, uma carta deitada na saca do correio de manhã, a horas de seguir nessa mesma carreira, ia de Terras do Bouro a Braga e mesmo ao Porto e, no mesmo dia, à noite, poder-se-ia receber em Souto, Vau, Covas, etc... a resposta, isto é, nova carta, já se vê. Os transportes eram morosos, repita-se, mas os correios, ou melhor, as serviços dos C. T. T. andavam muito mais regulares e afinados (estas coisas são sempre referentes ao progresso de Terras do Bouro). De qualquer forma, (e aqui é que está o grande valor e ao mesmo tempo o grande mal), pode afirmar-se, ainda hoje (e aí se as coisas não tomam outro rumo!), que o correio, em tempos passados saía de Terras do Bouro de manhã e chegava a Braga e ao Porto no mesmo dia e era entregue ao destinatário em antes do

meio-dia e os serviços C.T.T. continuaram assim regularizados, durante muitos anos, mesmo já dentro do período dos transportes motorizados. Porém agora, há uns anos a esta data, as coisas mudaram muito de feição... sempre pelo caminho de retrocesso...

Por toda a parte e por todas as terras se verificam empreendimentos progressivos, desenvolvimentos notórios, o bem-estar dos Povos e todas as suas comodidades:— encurtar distâncias, facilidade de transportes, meios de comunicações, etc., etc...

E... quanto a Terras do Bouro?!

Hoje deita-se, em Terras do Bouro, uma carta no correio, a horas da tiragem... mas, como essa correspondência só segue para Braga no carro das 17 horas, só passadas 24 horas, isto é, no dia imediato, é que será entregue ao destinatário em Braga ou no Porto!... Isto é inacreditável!... o correio de Terras do Bouro a Braga desloca-se a uma média vertiginosa:— um quilómetro por hora!!!

De quem é a culpa destas anomalias?!... Ou isto é a eterna condenação... ou complemento do progresso retrógrado da nossa Terra?!

Sobre quem devemos atirar estas tremendas responsabilidades?!... —Eu não sei... apenas posso afirmar, categoricamente, que sobre o povo não pode recair qualquer culpa; e o Povo sofre, e o Povo vive desprezado e abandonado, no meio desta complicada e empecilhada meada. Eu creio que a única pessoa a quem compete remediar estes males, expondo e exigindo Justiça chamando à responsabilidade a respectiva Entidade ou Repartição é o Sr. Presidente da Câmara Municipal. Ele é o verdadeiro Chefe; só ele é quem manda dentro do Concelho; mas também é sobre ele que pesam, regra geral, todas estas responsabilidades...

Ninguém julgue que eu, quando falo ou exponho, é com o fim de acusar ou apontar erros. Isso é inteiramente falso:— Eu pretendo apenas fazer o possível por acabar com os erros, chamando, para isso, a prestimosa atenção de quem tem o dever e a obrigação de olhar com carinho, simpatia e interesse pela solução dos principais problemas do nosso Concelho.

Já que ninguém se incoraja de andar para diante, pelo menos, não recuemos tanto!.

A correspondência, entre Braga e Terras do Bouro, tem

que transitar, directamente, no carro da manhã, às 8 h., de Terras do Bouro para Braga; e no carro da tarde, às 17 h., de Braga para Terras do Bouro, de forma que, como em tempos passados, apanhe em Braga a distribuição da manhã, e conduza para Terras do Bouro toda a correspondência, tanto da cidade como vinda de fora.

Quem afastou o correio destes horários, causou-nos atrasos tremendos (e colaborou com os retrógrados da nossa Terra), e que não se podem admitir por mais tempo; muito embora o correio transitasse também em todas as demais carreiras (e isso só poderia merecer louvor). E, já que falamos de carreiras, não devo deixar passar esta oportunidade sem apontar alguns defeitos, sempre com a boa vontade de remediá-los.

—No trajeto Braga, Terras do Bouro e vice-versa, temos duas carreiras diárias—embora com as suas bem notórias irregularidades... embora isso não destoe assim, assim muito, porque... é uma carreira para Terras de Bouro... Temos uma carreira com saída de Braga às 10,30h., e com chegada a Terras do Bouro às 12h. (precisamente quando as repartições encerram); e com regresso a Braga às 14h.

Em conclusão:—um passageiro que tenha necessidade de se deslocar a Terras do Bouro, para lá tratar de qualquer assunto, a sua intenção será nula, porque, em Terras do Bouro, nessa ocasião, mal terá tempo para almoçar descansadamente.

Acabar com essa carreira?!... —talvez fosse contra-producente...

Mas, por que se não organiza outra carreira com saída de Braga, Terras do Bouro às 8h da manhã, e com regresso a Braga às 17h., pelo menos umas três vezes por semana?!... Esta carreira seria efectuada pelo carro que faz a carreira de Terras do Bouro—Vila Verde, sem aumento de carro ou de pessoal. Só com a diferença de que, tanto o carro, como o pessoal, teriam que regressar a Braga, em vez de pernoinarem em Terras do Bouro.

Será errónea esta minha sugestão?!... Ou será prosseguir na luta constante pelos interesses da nossa Terra?!

Acabem lá com a renitência... dêem a mão a torcer que... neste caso não é desonra...

O nosso Povo geme... com a sua tal ou qual razão!

VENDE-SE
PROPRIEDADE COM ÁGUA
PERTO DA VILA DE AMARES
Informa esta Redação

Quem lucrou com O CRIME

(Continuação da 1.ª página)

riosa viagem; segundo outras informações, saiu no dia 26 de Setembro e regressou a 3 de Outubro, tempo suficiente para dar de avião a volta ao mundo, quanto mais para ir à Havana;

2) — ou o visto foi-lhe, na verdade, recusado e então o que sobremaneira interessava agora era que o Ministério cubano dos Negócios Estrangeiros dissesse quais os motivos que o determinaram a fechar as portas de Cuba a um amigo aparentemente tão dedicado e fervoroso.

Se Oswald esteve efectivamente em Cuba nos fins de Setembro ou nos princípios de Outubro, e se foi ele quem matou o Presidente Kennedy, então é impossível ao mais crédulo deixar de aproximar estes dois factos: a viagem secreta à Havana — via México — e o atentado de Dallas. Mas, se é certo o que afirmam o «Excelsior» da capital mexicana e o Ministério cubano dos Negócios Estrangeiros, se é certo que o visto de entrada não lhe foi concedido, nesse caso o Governo de Fidel de Castro está na posse de informações susceptíveis de esclarecerem por completo a justiça e a opinião pública sobre a verdadeira personalidade e a verdadeir actuação de Lee Oswald. Se, porém, essas informações o dessem como um contra-revolucionário, ou um agente provocador, ou um espião, decerto o Governo cubano as teria revelado logo. Porque não o fez? Porque se limitou a anunciar lacónicamente que não concedera o solicitado visto?

Era Lee Oswald um trotszkysta e o Governo cubano, embora tenha os trotszkystas como seus colaboradores em países da Hispano-América tais como a Venezuela e o México, não o quis na ilha, por não desagradar aos russos?

É possível.

Mas, se Oswald também pretendia, na realidade, obter um visto para a Rússia, como o afirmou o «Excelsior» e como o confirmou na Havana o Ministério dos Negócios Estrangeiros, então decerto não era trotszkysta: os trotszkystas fogem da Soviética como o diabo da Cruz...

Como quer que seja, Fidel Castro receava, com certeza, ver-se de súbito sacrificado por Kruschév ao desenvolvimento das boas relações entre o Kremlin e a Casa Branca. Ora, morto Kennedy, Nikita — mesmo que Johnson dê provas de se querer manter na mesma linha do Presidente assassinado, quanto a Moscovo — vai sem dúvida, permanecer agora, por uns meses, na expectativa, cautelosamente, a avaliar dos efeitos do golpe sofrido pelos Estados Unidos. E Fidel só terá a ganhar com esse compasso de espera...

Peirot — personagem, mundialmente popular, dos romances de Agatha Christie — começa, invariavelmente gor perguntar, no início de toda a investigação:

— Quem foi que lucrou com o crime?

Ter a resposta a esta pergunta é sempre, com efeito, meio caminho andado para a descoberta do criminoso.

ANI

QUADRAS

Do Livro "Revolta e Crença"

DE = UERBA

Saúdades, mas que saúdades
Eu tenho do que hade vir!...
Porque o passada passou
Como o presente, a mentir.

E para mim o passado,
Nas terras por onde andei,
Foi sempre um jugo pesado
Que humilhado suporrei.

E no presente só vejo
O que herdamos do passado;
— Uma canção sensual
Ou um gemido do Fado. —

O futuro, ó criancinhas,
Estou a vê-lo daqui...
Na radiosa Esperança
Que em vossos lábios sorri,

O passado e o presente
Já me não podem sorrir;
Por isso eu tenho saúdades
De não sei quê que hade vir.

O HOMEM não é um macaco

(Continuação da 1.ª página)

reza, começando por ser o polícia de si próprio, dando assim o necessário exemplo do respeito de que é digno.

O encontrão, os desmandos da linguagem, a falta de cortezia e gentileza com as crianças, com as pessoas idosas e com os doentes são ainda mais indesculpáveis, visto que nos cumpre ampará-los, quer sejam amigos, desconhecidos ou até mesmo inimigos, ricos ou pobres, pretos ou brancos, pois doutra forma poderemos porventura ser cristãos pela intensão, mas não o somos decerto, pela acção, que é, afinal, a verdadeira recondutora oração.

A gentileza no trato, nas maneiras e nas atitudes, isto é, o respeito, a estima e a boa intenção pelo próximo, quer se trate de homem, mulher ou criança, é uma prova de elevação moral e de sensibilidade social. É claro que o macaco da selva não tem preocupações desta natureza, mas o Homem não é um macaco!

O Caso Bergamin

(Continuação da 1.ª página)

contra esse oficial da Guarda Civil — todas, menos uma: era certo que os guardas, exasperados com as provocações de um grupo de mulheres durante o período agudo das últimas greves das Astúrias, haviam cortado o cabelo a duas ou três, as que mais se tinham destacado nos insultos às forças da ordem. Fora aquilo, sem dúvida, uma violência — e condenável, como todas as violências; mas que de modo algum justificava a espectacular mobilização de mais de cem intelectuais — e o facto de terem principiado as emissoras antiespanholas a referirem-se à carta dirigida a Fraga Iribarne, quando este ainda não a havia recebido: tratava-se, evidentemente, de bem orquestrada manobra de propaganda.

Ambas as cartas, a dos intelectuais e a do ministro, foram publicadas na íntegra pelo semanário oficioso «El Español» no dia 12 de Outubro e em seguida por todos os jornais diários de Madrid que as quiseram inserir.

Um mês depois, no dia 13 de Novembro, José Bergamin

asilava-se na embaixada do Uruguai, alegando ter a vida em risco, pois, em casa, recebia, a todo o momento, cartas e telefonemas ameaçadores.

Vem agora a propósito dizer duas palavras acerca de Bergamin.

Apesar de católico, esteve sempre, durante a guerra civil, com os comunistas, chegando o seu colaboracionismo ao ponto de aplaudir a chacina dos trotszkystas, em Barcelona, pelos agentes de Estaline — e de se haver referido ao incêndio das igrejas, classificando o crime de simples chamuscadela... Bergamin tem hoje 68 anos. Terminada a guerra civil, exilou-se, mas em 1950 pediu para regressar à Espanha. Embora fosse autor de um poema polémico, intitulado «Franco, o traidor», essa autorização foi-lhe concedida. Na Espanha viveu em paz treze anos. Agora saiu para o Uruguai, livremente, com um passaporte que só não lhe dá o direito de viajar pela Europa. Nunca esteve para ser preso. Nenhum dos outros signatários da carta a Fraga Iribarne foi preso ou perseguido. O actor Fernán-Gómez actua todas as noites, em Madrid, no «Teatro Marquina». Anuncia-se para breve a estreia de peças de Buero Vallejo — que por sinal iniciou no oficialíssimo «Teatro Español» a sua carreira de dramaturgo, com uma alta comédia, intitulada «História de una escalera» — e de Alfons Sastre.

A isto se limitou o chamado «caso Bergamin», que, afinal, não deu para mais do que a breve notícia da chegada de um velho poeta espanhol a Montevideo... — ANI

Uma nova escola na Feira Nova é urgente

(Continuação da 1.ª página)

sua construção tão urgente como necessária.

Esta parte da Vila, onde se encontra o maior número de crianças que seguem para os liceus e escolas técnicas e que serão os intelectuais de amanhã, entende que estas crianças não devem nem podem iniciar a sua vida escolar nestas condições perniciosas para a sua saúde, para o seu moral e para a sua formação, que temos a obrigação moral de proteger.

Paulo Macedo

(Continuação da 1.ª página)

do vale àquelas paragens altas e sertanejas de Paranhos e Santo Ovídio.

Saudavam-no dos campos e montados adjacentes dos caminhos e carreiros, os seus fregueses eivados de admiração de vê-lo tão animoso e de pé ligeiro por aquelas alturas.

Pelo caminho declarou-me que também tivera Paranhos por algum tempo anexa à sua Caldelas; por isso ali voltava com saudade.

O Padre João Martins pertencia a uma série de sacerdotes sábios, todos devotados à cultura e investigação, nomes inesquecíveis que tanto honraram as terras das redondezas, e sobremodo a sua classe, tornando-a respeitada e admirada, pelo seu saber, dos próprios inimigos da Igreja, em período crítico de desmentada intolerância.

Quem procurasse na sua residência o abade de Caldelas, ainda antes de dar com ele, deparava com os sinais e as realidades das ocupações que, a par dos seus deveres paroquiais, lhe consumiram a vida e o tempo — o seu desporto:

Mós de pedra, peças de tegula e cipos romano estadiavam a esmo no terreiro que medeia entre a igreja e o presbitério.

O Padre Martins Capela devassou sem descanso, os mistérios da estrada imperial da Geira. O Padre João Martins, que por aquele seu mestre sentia verdadeira admiração, dedicou-se por sua vez a escavar nos escombros dos

velhos castros romanos e cidadelas, povoações fortificadas ao longo da mesma via, as quais se encontram em tamanha profusão por estas terras acidatadas.

Utensílios do uso das famílias legionárias, que de Roma vieram estadiar, assentar arraiais ao longo da Geira, e há milhares de anos serviam de fundo à linguagem e costumes de que hoje nos servimos, foram esses objectos a razão de ser das suas cogitações e devassas.

A sala de visitas da sua residência, pequeno museu desses valores arqueológicos, guardados cuidadosamente em vitrinas, só ele sabia explicar a sua origem. Muitos deles foram enriquecer o Museu do Seminário Bracarense.

O Padre João Martins possuía, ao mesmo tempo, alma de artista. Não há, pela região, obra de igreja ou pequeno monumento que fivesse de levantar-se ou sofrer restauro, em que ele não pusesse o seu dedo e a opinião de Mestre.

Só é pena que dos seus trabalhos e indagações não ficasse obra de tomo. De tudo levou consigo a maior parte de seus segredos para a Eternidade.

A sua grande modestia, no próprio conceito do grande valor de si mesmo, assim o permitiu. Façam-lhe a devida justiça, em provas de reconhecimento e justa homenagem, os que ficaram.

A sua memória não pode nem deve apagar-se na terra que tanto prestigiou. — D. S.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quilisque Central
Largo do Barão de São
Martinho

DESPORTOS

O QUERER E O PODER

No primeiro embate entre «grandes» do Campeonato Nacional de Futebol, o Futebol Clube do Porto veio a Lisboa conseguir um empate perante o «europeu» Benfica.

O facto nada teria de extrema estranheza se não fosse registar-se pela nona vez consecutiva a vinda dos portuenses à capital, para defrontarem os «grandes» sem regressarem derrotados ao Norte. Há uma consequência de bons resultados em Lisboa que merece assinalar-se.

A explicação é simples: ao contrário das outras equipas «grandes», o Porto não se ensoberba com o seu valor e joga segundo as circunstâncias aconselham: tanto poderá passar os noventa minutos ao ataque, se encontrar o adversário fraco, como gastará todo o tempo em defesa cerrada, arriscando o contra-ataque apenas quando as probabilidades de jogo o indiquem.

Este sistema de defesa e conta-ataque, utilizado geralmente pelas equipas mais fracas, quando se defrontam com outras de superior craveira, atinge nível de bom futebol quando é servido por jogadores da categoria dos que alinham num clube como o Futebol Clube do Porto. E daí ter-se assistido em Lisboa a uma verdadeira demonstração de bom futebol, praticado em sistemas diferentes pelas duas equipas em presença.

A verdade manda que se diga que ambas jogaram bem. O Benfica teve especialmente na vintena de minutos iniciais de cada meio tempo — uma exibição de grande gala, com jogadas perfeitas. Valeram especialmente a facilidade de manobra de José Augusto e Simões, a visão de jogo de Santana — autor dos dois golos da sua equipa — e a capacidade de apoio dada pela linha média. Serafim foi complicativo e tanto se esforçou por «fazer ver» aos seus antigos companheiros do Porto, que acabou por desnortear-se, e lauca continua a ser um jogador indisciplinado, incapaz de seguir à risca a linha táctica da equipa e de se manter onde a sua presença poderá vir a ser indispensável.

Apesar de tudo, a turma do Benfica foi a que praticou melhor futebol de ataque — futebol corrido, ligado, vindo da zona atrazada até diante da baliza sem repeções nem compassos de espera. Faltou-lhe à frente, porém, um rematador mais

expedito — um Eusébio, um Águas, alguém que atirasse à baliza. E de mais de cinquenta avançadas que gizou aproveitou apenas duas em golos...

Quanto ao Futebol Clube do Porto, fez um encontro de grande estilo defensivo, escalonando a tal ponto os jogadores que chegou a ter à frente apenas o avançado centro, Jaime. Este escalonamento ofereceu ao Benfica dificuldades de passar barreira após barreira — e permitiu-lhe, por isso mesmo, evitar golos e a derrota.

Nos contra-ataques, tornou-se evidente a influência de «mistura» que se fizera na linha da frente: Hernani e Carlos Duarte voltaram a constituir os dois pontos altos do ataque, o primeiro com toda a matreirice de raposa velha, que sabe exactamente onde procurar a falha da rede para entrar na capoeira, o segundo jogando como nos seus melhores tempos.

A estes dois da «velha guarda» juntaram-se mais três jovens plenos de habilidade e com vontade de mostrar o que valem, Jaime, Carlos Baptista e Nobrega, que furaram do centro para a esquerda do terreno. E a mistura transformou-se assim em amalgama: a linha dianteira do Porto mostrou-se perfeitamente homogénea, quando se tratava de atacar, da mesma forma que se fragmentava quando o objectivo era defender.

Como balanço geral, o encontro foi dos bons, dos que arrazavam nervos e mantêm até ao fim a incerteza do resultado. O Benfica esteve à beira do terceiro golo — e o Porto esteve igualmente prestes a marcar pela terceira vez. Carlos Duarte, que assinara o primeiro golo do Porto, já no declinar do encontro voltou a ter a bola à sua mercê — e só uma grande defesa de Rita evitou que o marcador subisse. Mas também lauca teve nos pés uma bola que parecia certa, mas que a Américo correspondeu com uma estirada sensacional.

Dos três guarda-redes que jogaram Américo foi de longe o mais solicitado e o mais aplaudido. «Barril com pernas» lhe chamou um jornalista brasileiro, quando Américo defendeu a baliza da selecção nacional no Brasil e realizou defesas prodigiosas. Está na plena pujança da sua forma física, com um sentido de colocação invulgar, e é de longe, sem sombra de contestação, o mais valente de quantos

«porteiros» jogam em Portugal. «Valente como um homem-rã ou como um caçador especial» — na frase de um comentador lisboeta.

Costa Pereira, que guardou inicialmente as redes do Benfica, teve algumas defesas acertadas, mas foi obrigado a abandonar o campo, devido a lesão. Rita, que o substituiu, é um bom elemento, com o senão de ficar demasiadamente entre os postes, pouco se aventurando no terreno para os cortes de jogadas. Mas não desmereceu — e não teve culpa em qualquer dos dois golos que sofreu.

Mencione-se, finalmente, que a turma do Porto veio pela primeira vez à capital orientada pelo brasileiro Otto Glória — o técnico brasileiro que estabeleceu o recorde de dirigir, em épocas sucessivas, as quatro maiores equipas de Portugal: o Benfica, depois os Belenenses, a seguir o Sporting e, agora, o Porto. A forma como a equipa jogou mostrou por mais de uma vez a sua influência, especialmente na colocação dos jogadores no terreno. Mais de uma vez devem ter chegado «lá dentro» as suas indicações, especialmente a seguir ao segundo golo do Benfica, quando o resultado ficou em 2-1 e a equipa lisboeta estava no segundo período de grande gala — o começo do segundo tempo.

A direcção da Otto Glória deu à turma do Norte uma férrea disciplina — e essa disciplina apertadíssima, em confronto com a disciplina romântica do Benfica, contribuiu em grande parte, repita-se, para o êxito conseguido pelo Porto, cujo «onze» não contava, afinal com as maiores figuras de que dispõe.

Teve razão aquele entusiasta portista, que afirmou pela Rádio: «Com uma equipa de vinte e cinco tostões viemos a Lisboa fazer ferro ao Benfica...»

Torneio de classificação em Angra do Heroísmo

Nos jogos oficiais a contar para o torneio da classificação, com vista à Taça de Portugal, registaram-se os seguintes resultados: Lusitania-Marítimo, 1-1, Vilanovense-Juventude, 4-1.

Realizou-se também um encontro particular entre o Angrense e o Praiense, tendo o primeiro sido vencido por 6-3.

O BENFICA e Belenenses

comandam a classificação do Nacional de Futebol enquanto que o SPORTING passa de terceiro para sétimo

Teve resultados sensacionais a sétima jornada do Campeonato Nacional de Futebol na primeira divisão. Permitindo ao Belenenses que viessem empatar no seu próprio campo, os vice-campeões europeus não conseguiram isolar-se no primeiro ponto da classificação geral. Também o Porto, que estava a fazer uma boa carreira, consentiu à Académica de Coimbra um empate nas Antas. O mais sensacional de todos os resultados foi, porém, a derrota do Sporting, também em casa, frente à fraca equipa do Vitória de Setúbal, derrota que lhe custou baixar do terceiro lugar para sétimo posto, comprometendo gravemente as suas aspirações ao título.

Os resultados da jornada foram: Cuf-Leixões 2-0, Lusitano-Varzim, 0-1, Sporting-Vitória de Setúbal, 1-2, Vitória de Guimarães - Olhanense, 5-1, Belenenses-Benfica, 1-1, Futebol Clube do

Porto-Académica, 1-1, Setúbal-Barreirense, 1-3.

A classificação actual ficou assim ordenada:

Benfica	12
Belenenses	12
Setúbal	10
Guimarães	9
Porto	9
Académica	9
Sporting	8
Leixões	7
Cuf	7
VARZIM	5
Barreirense	4
Seixal	3
Lusitano	3
OLHANENSE	0

Para a próxima jornada, a oitava do Campeonato Nacional de Futebol na primeira divisão, que se realiza no dia 8 de Dezembro estão marcados os seguintes encontros: Leixões-Seixal, Varzim-Cuf, Setúbal-Lusitano, Olhanense-Sporting, Benfica-Guimarães, Académica-Belenenses e Barreirense-Porto.

Na Zona Sul da Segunda Divisão

o Farense comanda a prova

Dos grupos que estão a disputar o Campeonato Nacional da Segunda Divisão, o Salgueiros e o Farense mantêm-se à frente nas respectivas zonas, apesar do empate do primeiro em Espinho.

Os resultados da jornada foram os seguintes:

Zona Norte: Leça - Feirense, 2-0, Vianense - Oliveirense, 0-1, Marinhense - Bra, 4-3, Vildemoinhos - Covilhã, 0-2, Boavista-Famalicao, 0-0, Sanjoanense - Beira Mar, 1-3 e Espinho-Salgueiros, 1-1.

Zona Sul: Farense-Peniche, 4-1, Lusitano-Alhandra, 1-1, Montijo-Atlético, 1-1, Torriense-Desportivo de Beja, 4-2, Luso-Portimonense, 1-1, Sacavenense-Cova da Piedade, 2-5 e Leões-Oriental, 0-1.

As classificações são as seguintes:

ZONA NORTE

Salgueiros	11
Marinhense	10
Covilhã	10
BRAGA	8
Boavista	8

Feirense	8
Beira-Mar	8
Leça	8
Oliveirense	6
Espinho	6
Vianense	5
Sanjoanense	4
Famalicao	3
Vildemoinhos	2

ZONA SUL

Farense	11
Montijo	10
Peniche	9
Torriense	9
Alhandra	9
Cova da Piedade	8
Oriental	7
Luso	6
Os Leões	6
Beja	6
Portimonense	5
Atlético	5
Lusitano de Vila Real	4
Sacavenense	3

Preparação da selecção militar de futebol

A selecção militar de futebol, que em 22 de Janeiro de 1964, no Luxemburgo, e 12 de Fevereiro em Lisboa, defrontará os luxemburgueses para o Campeonato Internacional Militar principiou já a sua preparação no Estádio Nacional.